

MACHISMO, HOMOFOBIA E RACISMO ENTRELAÇADOS EM DE ONDE ELES VÊM, DE JEFERSON TENÓRIO

*SEXISM, HOMOPHOBIA AND RACISM INTERTWINED IN DE ONDE ELES VÊM, BY JEFERSON
TENÓRIO*

Emanuelle de Oliveira Pereira¹
Maria Erlanny da Costa Fernandes²
Naysla Miely Silva Paiva³
Sara Regina de Oliveira Lima⁴

Resumo: o presente artigo busca analisar a construção do personagem Lauro no romance *De onde eles vêm* (2024), de Jeferson Tenório, caracterizando-se como um estudo analítico-interpretativo de abordagem qualitativa, inserido no campo da crítica literária contemporânea e fundamentado nos aportes teóricos da interseccionalidade, dos estudos de gênero, raça e sexualidade. O objetivo consiste em compreender de que modo machismo, homofobia e racismo se entrelaçam na construção do personagem, evidenciando os impactos dessas opressões em contextos sociais marginalizados. A metodologia adotada baseia-se na leitura crítica da narrativa, articulada a referenciais teóricos de autoras e autores como Conceição Evaristo (2020), Kimberlé Crenshaw (2002), bell hooks (2004, 2019), Angela Davis (2016) e Judith Butler (1990), o que possibilita uma análise das dimensões simbólicas, sociais e afetivas que atravessam a trajetória de Lauro. Os resultados indicam que o personagem, enquanto sujeito negro e gay, vivencia múltiplas formas de violência, especialmente no âmbito familiar, marcadas por normas rígidas de masculinidade, silenciamentos afetivos e processos de exclusão. Observa-se que tais experiências revelam a atuação simultânea das opressões de raça, gênero, sexualidade e classe, confirmando a pertinência da perspectiva interseccional para a compreensão das desigualdades estruturais presentes na sociedade brasileira. Entretanto, a análise também demonstra que Lauro constrói estratégias de resistência subjetiva por meio do afeto, da educação, da espiritualidade e do deslocamento crítico em relação às normas impostas, ressignificando sua experiência e recusando a reprodução das lógicas opressivas que marcaram sua formação social. Conclui-se que o romance reafirma o papel da literatura brasileira contemporânea como espaço de denúncia, reflexão crítica e humanização das experiências sociais marginalizadas, ao problematizar as estruturas que sustentam o racismo, o machismo e a homofobia, e ao evidenciar a complexidade das vivências negras dissidentes.

Palavras-chave: Racismo; homofobia; masculinidades negras; Interseccionalidade; literatura brasileira.

Abstract: the present article seeks to analyze the construction of the character Lauro in the novel *De onde eles vêm* (2024), by Jeferson Tenório, characterizing itself as an analytical-interpretative study with a qualitative approach, situated within the field of contemporary literary criticism and grounded in the theoretical frameworks of intersectionality and studies on gender, race, and sexuality. The objective is to understand how sexism, homophobia, and racism intertwine in the construction of the character, highlighting the impacts of these oppressions in marginalized social contexts. The methodology adopted is based on a critical reading of the narrative, articulated with theoretical contributions from authors such as Conceição Evaristo (2020), Kimberlé Crenshaw (2002), bell hooks (2004, 2019), Angela Davis (2016), and Judith Butler (1990), which enables an analysis of the symbolic, social, and affective dimensions that permeate Lauro's trajectory. The results indicate that the character, as a black and gay man, experiences multiple forms of violence, especially within the family sphere, marked by rigid norms of masculinity, affective silencing, and processes of exclusion. It is observed that such experiences reveal the simultaneous operation of the oppressions of race, gender, sexuality, and class, confirming the relevance of the intersectional perspective for understanding the structural inequalities present in Brazilian society. However, the analysis also demonstrates that Lauro constructs strategies of subjective resistance through affection, education, spirituality, and critical displacement in

¹ Graduada no curso de Letras Inglês pela Universidade Estadual do Piauí, de interesse pelos estudos da Literatura.

² Graduada em Letras português e professora de português, se interessa por pesquisas de religiosidade afro-diaspórica na literatura.

³ Acadêmica do curso de Letras Português da UESPI, interessa-se em estudos literários com foco nas representações da sexualidade na literatura.

⁴ Professora no PPGL da UESPI, interessa-se pelos estudos da Literatura, com foco em gênero, sexualidades e religiosidades afro-diaspóricas.

relation to imposed norms, re-signifying his experience and refusing to reproduce the oppressive logics that shaped his social formation. It is concluded that the novel reaffirms the role of contemporary Brazilian literature as a space for denunciation, critical reflection, and the humanization of marginalized social experiences, by problematizing the structures that sustain racism, sexism, and homophobia, and by highlighting the complexity of dissident black experiences.

Keywords: Racism; homophobia; black masculinities; intersectionality; Brazilian literature.

1 INTRODUÇÃO

O romance “**De onde eles vêm**”, do escritor fluminense Jeferson Tenório, foi publicado em 2024, e traz como temática principal assuntos que já são abordados em outras obras do autor, tais como: racismo, diferenças sociais, machismo e homofobia. Este tipo de escrita, que vem ganhando cada vez mais espaço na literatura brasileira e mundial, pode ser lida sob a perspectiva da **Escrevivência**, termo cunhado por Conceição Evaristo. Para autora,

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30).

Assim, relatando experiências as quais grande parte das pessoas negras já passaram e podem se identificar, lemos Tenório como um ficcionista que bebe da fonte da Escrevivência de Evaristo, pois isso se reflete na criação de seus personagens e nos dramas por eles enfrentados. Neste trabalho, o foco de estudo será o personagem Lauro, que é construído e apresentado aos leitores em face do machismo, de questões raciais e, em especial, de sua sexualidade. De mesmo modo, analisaremos como esses aspectos moldam suas ações e suas escolhas de vida.

Nesse contexto, *De onde eles vêm* (2024) mostra-se como uma importante representação da literatura denunciando temas que atravessam questões da sociedade atual. A narrativa segue a vida do protagonista Joaquim, nos anos 2000, como um dos primeiros alunos beneficiados por cotas raciais na universidade. E, assim, introduz aos leitores os amigos de Joaquim – Lauro está entre eles. Lauro é uma figura com algumas camadas a serem destrinchadas, e Tenório usa do personagem para discutir questões de performatividade de gênero, sexualidade e questões raciais que, segundo Judith Butler (1990), são reforçadas pelo meio em que se vive. Nesse viés, as raízes de Lauro, um rapaz preto, constroem sua história, mostrando ao leitor as diversas nuances de dificuldades que se pode enfrentar quando todas essas questões, que são alvos de preconceito na sociedade, se entrelaçam.

Ademais, a visão da importância da literatura como instrumento de denúncia à certas pautas que ainda enfrentam dificuldades para serem discutidas em sociedade, como é o

caso das vivências negras atravessadas por outros tipos de preconceito, é ímpar, uma vez que, segundo Antônio Cândido (2004, p. 186), “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Portanto, é inegável a agudez da literatura e seus subgêneros, como a Escrivência, no debate e discussão de determinadas pautas sociais, como acontece no romance em questão.

A leitura de *De onde eles vêm* (2024) também permite compreender como a literatura brasileira contemporânea tem se apropriado da noção de interseccionalidade para pensar sujeitos historicamente marginalizados. Nesse sentido, a experiência de Lauro não pode ser analisada de forma isolada, pois ela se constrói no entrecruzamento entre raça, gênero, sexualidade e classe social. Como destaca Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), “as experiências de mulheres negras são moldadas por interações de raça e gênero que não podem ser compreendidas separadamente”. Embora a autora se refira especificamente às mulheres negras, o conceito é produtivo para pensar sujeitos negros dissidentes de gênero e sexualidade, como Lauro, cuja trajetória evidencia que as opressões não atuam de modo único, mas simultâneo. Assim, Tenório insere seu personagem em um espaço narrativo que explicita essas camadas de violência simbólica e social, reforçando o caráter crítico e denunciador do romance.

Além disso, ao tensionar as normas de masculinidade impostas ao homem negro, a obra dialoga com reflexões que apontam como o racismo também regula corpos, desejos e performances. bell hooks (2019, p. 83) observa que “o patriarcado capitalista supremacista branco socializa os homens negros para acreditarem que a masculinidade está ligada à dominação e ao controle”. Lauro, ao não corresponder plenamente a esse modelo hegemônico, expõe as fissuras desse sistema e revela os custos subjetivos de tais imposições. Dessa forma, *De onde eles vêm* (2024) se consolida como uma narrativa que ultrapassa apenas a ficção, articulando literatura, crítica social e teoria, e reafirmando o papel do texto literário como espaço legítimo de problematização das desigualdades estruturais que atravessam a sociedade brasileira. Portanto, a análise desse personagem, e dos contextos literário e social da criação de Tenório, denuncia o racismo, a homofobia e a diferença social como um problema que se arrasta até hoje.

2 HOMOFOBIA E MACHISMO EM CONTEXTOS NEGROS: UMA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

Raça, gênero, sexualidade e classe são elementos que configuram condições de grupos minorizados na sociedade (Biar *et al.*, 2021; hooks, 2019; Jesus, 2014). Nessa perspectiva, a articulação entre machismo e homofobia em contextos negros pode ser compreendida como um desdobramento da marginalização estrutural, uma vez que essas opressões não atuam de forma isolada, mas se cruzam na construção dos sujeitos sociais.

Como observa Angela Davis (2016, p. 30), “raça, gênero e classe não podem ser analisados separadamente, pois operam de maneira interdependente na produção das desigualdades sociais” (Davis, 2016, p. 30). Dessa forma, tais violências simbólicas e materiais se consolidam como expressões de uma sociedade atravessada por múltiplas formas de preconceito. Assim, ao serem analisados juntos, é visto que a homofobia em contextos negros surge de uma percepção histórica da construção dos papéis de gênero e de raça. Nesse contexto, Jeferson Tenório em *De onde eles vêm* (2024) usa do personagem Lauro para demonstrar a moldagem de comportamento que surge dessa interseccionalidade.

Ademais, os preconceitos enraizados na sociedade brasileira são, por vezes, segregados, como se não pudessem coexistir. “Quando o homem negro se identifica como gay, ele é visto como frágil, traidor do estereótipo, aquele que está negando a sua raça, como se a homossexualidade apagasse ou fragilizasse a negritude” (Santos *et al.*, 2025, p. 2265). Desse modo, em contextos atravessados pela hegemonia de masculinidades normativas, particularmente entre homens negros socialmente marcados pelo racismo estrutural, pela violência cotidiana e pela precarização das condições de vida, a experiência LGBTQIAP+ tende a ser interpretada como um desvio em relação aos papéis de gênero e raça historicamente construídos. Nesse cenário, a homofobia não emerge apenas como imposição externa, mas passa a ser reproduzida no interior da própria comunidade negra, revelando um processo de internalização das lógicas opressivas. Conclui-se, portanto, que a intersecção entre racismo, machismo e homofobia não apenas intensifica as formas de exclusão social, mas também compromete a constituição de espaços coletivos de solidariedade e resistência, fundamentais para o enfrentamento das desigualdades estruturais.

Autores que discutem a interseccionalidade evidenciam que as opressões não atuam de forma isolada, mas simultânea e articulada. Crenshaw (2002, p. 177) afirma que “as experiências de pessoas negras não podem ser compreendidas adequadamente se raça, gênero e sexualidade forem analisados separadamente”, pois é justamente no cruzamento dessas categorias que emergem formas específicas de vulnerabilidade. Assim, ao analisar a homofobia e o machismo em contextos negros, como ocorre na obra de Tenório, torna-se imprescindível compreender que tais práticas estão inseridas em uma estrutura social mais ampla, que hierarquiza corpos e identidades, produzindo exclusões múltiplas e aprofundando desigualdades já historicamente consolidadas.

Dessa forma, dentro de um cotidiano em comunidades marginalizadas, onde já se sofre “o suficiente” por ser negro, ser um negro gay é quase uma sentença de sofrimento duplicada. Segundo Júnior e Jesus (2014, p. 7), “o imaginário dominante associa a homossexualidade a homens brancos e sofisticados, porque primeiramente o negro é um indiferente social que não é representado e, quando o é, dá-se pela via da desqualificação dos sujeitos negros”. Nesse contexto, a homofobia, quando praticada contra sujeitos negros,

fica à sombra do racismo, que vem como o primeiro representante dos preconceitos encarados por estes. Logo, um sujeito negro e gay sofre duas vezes, e esta interseccionalidade de preconceitos se dá pelos contextos socioculturais nos quais estão inseridos.

Ademais, tendo em vista a marginalização das comunidades negras, o machismo surge como ferramenta para fomentar ainda mais esses preconceitos. O machismo estrutural, até hoje, reflete na construção da performance de gênero, como explica Judith Butler (2003, p. 200), “o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero”, ou seja, o gênero é formado socialmente, quando é passado ensinamentos de “comportamentos de macho” para meninos e “comportamentos de moça” para meninas. Quando sujeitos desenvolvem e performam trejeitos considerados diferentes desses ensinamentos, é quando o preconceito surge, fazendo nascer, do machismo, a fobia contra a sexualidade.

Nesse sentido, a masculinidade negra passa a ser construída sob uma lógica de resistência ao racismo, o que, paradoxalmente, reforça padrões rígidos de gênero e sexualidade. hooks (2004, p. 89) aponta que, “o patriarcado exige dos homens negros uma performance de dureza e controle emocional como forma de sobrevivência em um mundo racista”, o que contribui para a rejeição de expressões de gênero diferentes dentro da própria comunidade negra. Dessa forma, a homofobia não se manifesta apenas como reprodução de valores já perpetuados na sociedade, mas também como um mecanismo de defesa simbólica frente às violências estruturais do racismo, ainda que isso implique a exclusão de sujeitos negros LGBTQIAP+ de espaços que deveriam ser de pertencimento e acolhimento.

Além disso, os preconceitos enraizados em sujeitos que vivem em contextos socialmente marginalizados e atravessados por múltiplos marcadores sociais refletem-se de maneira intensa no espaço doméstico, onde se reproduzem e se legitimam práticas simbólicas de controle e vigilância. No caso de famílias negras, tal dinâmica manifesta-se, de modo particular, na exigência de que os homens performem uma masculinidade rígida e hegemônica, concebida como estratégia de resistência frente às violências raciais cotidianas. Conforme aponta Connell (2016), esse modelo normativo de masculinidade opera como mecanismo disciplinador, ao impor padrões comportamentais que cerceiam expressões afetivas, fragilidades e dissidências de gênero. Nesse contexto, a homofobia passa a funcionar como um instrumento defensivo socialmente aprendido, mobilizado no interior das relações familiares como forma de proteção simbólica contra o racismo estrutural, ainda que produza efeitos profundamente danosos. Desse modo, sujeitos negros que também se identificam como LGBTQIA+ passam a experimentar uma condição de dupla

vulnerabilidade, enfrentando simultaneamente o preconceito racial e a discriminação sexual, o que os coloca em uma posição de conflito identitário permanente. Como observa Veiga (2019), esses indivíduos são levados a vivenciar “duas jornadas”, uma de afirmação coletiva em defesa de seu povo e outra de negação subjetiva imposta pelas normas heterocisnormativas que atravessam suas próprias comunidades. Tal tensão favorece o desenvolvimento da homofobia internalizada, a qual, segundo Borrillo (2010), constitui uma das formas mais perversas de opressão, por operar no plano íntimo da subjetividade, corroendo a autoestima, limitando a expressão dos afetos e comprometendo as relações interpessoais. Assim, mesmo vínculos afetivos sólidos mostram-se insuficientes para suplantar os efeitos desse preconceito introjetado, que, ao emergir de dentro, perpetua dinâmicas de silenciamento, sofrimento psíquico e autonegação.

Portanto, dentro de um contexto sociocultural onde a performance de masculinidade corresponde a não demonstrar sentimentos, ser emocionalmente distante, e usar disso como ferramenta para combater a violência de raça enfrentada no dia a dia, mostrar características diferentes, mais sensíveis, que não condizem com o que fora perpetuado, desemboca na homofobia vinda de dentro da própria comunidade. É, então, nesse contexto, que Jeferson Tenório desenvolve o personagem Lauro, que será analisado no próximo tópico.

3 LAURO: OS AFETOS EM TRAMAS DA HOMOFOBIA, DO MACHISMO E DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Publicado em 2024, pela editora Companhia das letras, De onde eles vêm é o romance mais recente do escritor Jeferson Tenório. Na obra, o autor apresenta as dificuldades encaradas pelos primeiros jovens que adentram a universidade pelo sistema de cotas raciais, no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. No decorrer das pouco mais de 200 páginas, Tenório traz uma história de Escrivência, narrando os desafios da vida marginalizada vivida pelo protagonista Joaquim, que, por enfrentar casos de discriminação racial em diversos contextos, acaba saindo da universidade. Joaquim vive em uma comunidade majoritariamente negra, e, entre seus amigos, está Lauro.

Lauro é apresentado aos leitores na página 36 do livro, na qual Joaquim o descreve como um amigo que morava na mesma rua e, assim como ele, era cotista na universidade. Logo nas primeiras linhas, Tenório introduz a homofobia que perpassa o ambiente no qual Lauro está inserido

A primeira vez que Lauro ouviu a palavra “bicha”, ele tinha oito anos. E ouviu a palavra da boca da própria mãe, a dona Ruth. [...] Dona Ruth contava uma anedota envolvendo um vizinho que dava em cima do marido dela: *eu tive que pôr a bicha no lugar dela, né? Esses viados têm inveja da gente* [...] Pouco tempo depois, aos dez

anos, Lauro descobriu, ao levar um pontapé na barriga e ser chamado de “bicha” por um coleguinha, que aquilo era um tipo de ofensa (Tenório, 2024, p. 36).

Assim, o trecho acima mostra que, ainda enquanto criança, Lauro já é exposto à homofobia que está enraizada na sociedade, e é especialmente forte em comunidades marginalizadas, onde a ignorância abre espaço para o surgimento de comportamentos LGBTQIAPfóbicos, uma vez que “O peso social do racismo maior que da homofobia [...] parece surgir em decorrência do processo de referência social hegemônica de princípios e valores” (Silva, 2017, p. 77). Ou seja, o sofrimento do racismo no dia a dia abre margem, quase como uma desculpa, para que ofensas homofóbicas sejam deferidas sem filtro em comunidades que são atingidas por outros tipos de preconceito. Nesse contexto, Lauro cresceu em um ambiente onde era necessário ser ‘macho’, lutar contra o racismo e aguentar ataques contra a sua sexualidade dentro de sua própria rede de apoio.

Ainda na introdução do personagem, Tenório nos apresenta, então, ao machismo presente nessa comunidade. Segundo Butler (2010, p. 59) “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida”. Em outras palavras, a performance de gênero é ensinada no contexto social, e é altamente reguladora. No contexto onde Lauro está inserido, de uma comunidade que tem que se proteger contra as ofensas raciais, ser “macho” é não demonstrar sensibilidade ou fraqueza, e não ter trejeitos suaves. No seguinte trecho, Tenório escreve como é esperado que essa virilidade masculina venha do personagem.

Certo dia, Humberto chamou o filho e disse: *Lauro, tu já comeu essa guria? Tem que comer logo. Tu não precisa casar com ela, mas tem que comer. É isso que homem faz.* Lauro estava com dezesseis anos, mas ainda não havia olhado para a menina daquela forma (Tenório, 2024, p. 37).

De acordo com a historiadora Sarah Schulman (2010), é na família o primeiro lugar onde as pessoas aprendem a homofobia, seja como atores, seja como vítimas. Na passagem acima, o pai de Lauro incita no filho o questionamento do motivo por ele ainda não ter olhado para sua amiga, Taís, com olhos sexuais, pois “é isso que homem faz”. Lauro e Taís são retratados no livro como amigos muito próximos, que são vistos como namorados pelos demais. Nessa amizade, Lauro vê um escape, uma forma de disfarçar sua sexualidade, “havia entendido que o melhor modo de ficar em paz era ter uma namorada” (Tenório, 2024, p. 43), e o reflexo dessa homofobia familiar faz com que Lauro, alguns anos depois, desenvolva um desejo forçado por Taís, reprimindo sua sexualidade para ser aceito em sua família e dentro da comunidade a qual faz parte.

Na segunda parte do livro, entre as páginas 52 e 53, Tenório traz um diálogo entre Joaquim e Lauro, momento no qual Lauro aborda diretamente sua sexualidade, mesmo com medo de não ser aceito. Segundo Schulman (2010), são as pessoas que um homossexual consegue acessar como apoio confiável que ditam o impacto da homofobia sobre eles e, nesse contexto, Joaquim é o único amigo com quem Lauro se sente confortável para se assumir, mesmo que os dois tenham crescido em uma comunidade que é rígida quanto à performance da masculinidade.

Certo dia, estávamos caminhando pela rua quando ele disse que precisava me contar uma coisa. *Fala aí, mano*, eu disse meio grosseiro [...] Lauro titubeou por um instante, parecia querer a garantia de que não me perderia como amigo [...] *Acho que sou gay*, disse rápido, sem olhar pra mim [...] Balancei a cabeça: *meu, não diz um negócio desse*. [...] Depois, quando nos despedimos, eu disse que não deixaria de ser seu amigo por causa daquilo (Tenório, 2024, p. 52).

Na parte supracitada, Jeferson Tenório intersecciona machismo, ao atribuir trejeitos grosseiros, ‘de macho’, às falas de Joaquim, que não aceita em um primeiro instante o fato de seu amigo ser gay, e homofobia, também nas primeiras falas de Joaquim, que não sabia como reagir ao fato que Lauro revelara. Esta estranheza, como debate Pérola Preta (*apud* Junior; Souza, 2023, p. 61), é algo que parece que fugia a uma regra, desviando daquilo que se espera dos demais garotos negros, que estavam mais preocupados em criarem mecanismos de defesa contra o racismo, como era o caso de Joaquim. Dessa forma, na obra *De onde eles vêm* (2024), Lauro vivencia uma dupla diáspora (Veiga, 2019): uma enquanto negro, com o seu povo, e outra enquanto homossexual, contra o seu povo. Para Veiga (2019, p. 83), essa segunda diáspora é ainda mais perigosa, “posto que essa segunda barreira à aceitação acontece em seus próprios quilombos, ou seja, em sua família, em sua comunidade, e até mesmo nos movimentos negros”. Assim, por meio de Lauro, Tenório faz uma importante denuncia contra a nocividade desse departamento entre lutas semelhantes.

Seguindo a narrativa, na página 57, o narrador descreve uma tentativa de Lauro de finalmente exercer sua sexualidade. Já mais velho, o personagem cria coragem para visitar um “espaço gay” em Porto Alegre, um estabelecimento adjetivado como decadente onde pessoas LGBTQIAP+ se reuniam. Foi lá onde Lauro conheceu Matheus, um garoto de programa com quem teve diálogos sobre sua sexualidade.

Eu ainda não contei pra minha família que sou gay. Matheus não ficou surpreso com a declaração de Lauro e acrescentou que família às vezes é um saco: *o meu pai por exemplo não fala mais comigo. A minha mãe aceita, mas não gosta de saber por onde eu ando*, ele disse (Tenório, 2024, p. 57).

Nessa passagem, estão postos os reflexos da homofobia nos afetos, cujo contexto é de exclusão, vinda até da própria família. “A homofobia familiar é um fenômeno que faz parte da vida da comunidade LGBT e que se configura como uma crise cultural ampla, visto que se trata de uma violência inequívoca” (Schulman, 2010 *apud* Toledo; Filho, 2013, p. 378). Dessa forma, com Matheus, ao dizer que o pai não o aceita e que a mãe não gosta de saber por onde anda, e com Lauro, por não ter coragem de contar à sua família sobre a sua sexualidade, Tenório representa, usando os dois personagens, inúmeros jovens LGBTQIAP+ que sofrem essa violência simbólica, cuja vivência da homossexualidade não é vista como legítima, mas tolerada e mantida sempre como inferior (Schulman, 2010). Assim, dentro do que era para ser um local seguro e de apoio, a homossexualidade desses jovens é anulada pela homofobia enraizada no meio.

Ainda no contexto da homofobia familiar, conforme discutido por Schulman (2010), Lauro, ao crescer imerso em discursos hostis dirigidos às sexualidades dissidentes, acaba por internalizar esse estigma, o incorporando e carregando até a vida adulta. No desenvolvimento da narrativa, o personagem surge em uma nova etapa de sua trajetória, marcada pela inserção no mercado de trabalho, pela conquista de certa autonomia financeira e por maior independência em relação à família. Nesse momento, Lauro relata manter um relacionamento afetivo com um jovem chamado Pedro, embora ainda não tenha tornado pública sua orientação sexual. A obra, então, adentra, de modo sensível e contundente, a problemática da homofobia internalizada, ao revelar o receio constante do personagem em expor sua afetividade em espaços públicos e profissionais, como se observa no trecho: “No mês passado, a gente estava num samba. Ele me abraçava, às vezes segurava minha mão, cheirava meu pescoço. Mas aí eu vi uns amigos do meu pai” (Tenório, 2024, p. 136). A cena evidencia o constrangimento e a vigilância internalizada que atravessam a vivência amorosa de Lauro, levando-o a reprimir gestos de afeto, conforme explicita a continuidade do excerto: “Então eu me retraí. E o Pedro perguntou o que tinha acontecido e eu disse: nada, não. Eu evitei o Pedro porque não queria que os amigos do meu pai me vissem” (Tenório, 2024, p. 136). Tal comportamento ilustra os efeitos do preconceito reiterado no ambiente doméstico, que se converte em autocensura, medo e silenciamento. Nesse sentido, Borrillo (2010) argumenta que a homofobia internalizada constitui uma forma particularmente perversa de violência simbólica, pois incide diretamente sobre a autoestima, as relações afetivas e a saúde psíquica do sujeito, atingindo não apenas quem a vivencia, mas também aqueles que compartilham seus vínculos afetivos. Assim, mesmo o afeto genuíno que Lauro nutre por Pedro mostra-se insuficiente para suplantar os traumas sedimentados por anos de hostilidade familiar, revelando a profundidade das marcas deixadas pela opressão cotidiana.

Importa salientar que, nas páginas 131-134, Lauro e Joaquim têm uma conversa profunda e sensível sobre espiritualidade, uma vez que Lauro está sendo preparado para ser

babalorixá. Então, eles adentram o tópico de sexualidade, quando Lauro questiona se vale a pena “sair do armário”.

Você lembra o dia que contei pra minha mãe que eu era gay, e ela se jogou no chão, e pedia para os orixás me ajudarem? Lembra que ela foi na frente dos santos bater sineta e mandar que eles resolvessem o meu problema? [...] dizia que preferia ter um filho morto a ter um filho viado (Tenório, 2024, p.133).

Para Junior e Sousa (2023, p. 62), ter uma sexualidade dissidente é visto como contrariar uma vontade superior, divina, e nas linhas acima retiradas da narrativa de Jeferson Tenório, há um exemplo de como a família apoia-se em suas crenças para fundamentar cegamente sua homofobia, que atinge de forma violenta os filhos que se identificam como membros da comunidade LGBTQIAP+. Ao suplicar aos santos que resolvam o “problema” de Lauro, sua mãe rejeita uma parte dele, retirando o caráter de rede de apoio da família e a transformando em um ambiente violento. Tal atitude se mostra como dissidente também no que tange a religiosidade, uma vez que as religiões de matriz africana, especialmente os terreiros de axé, são historicamente reconhecidas como espaços de acolhimento e integração da população LGBTQIAP+. Estudos indicam que essas tradições não operam a partir de uma moral sexual rigidamente normatizadora, mas compreendem a sexualidade como parte da existência humana, dissociada de noções de pecado ou desvio (Silva; Pereira, 2021; Santos, 2020). Diferentemente de tradições religiosas como o cristianismo e o islamismo, que tendem a sustentar interpretações mais restritivas acerca das diferenças sexuais (Gomes; Miranda, 2025), os terreiros frequentemente se configuram como espaços de pertencimento, cuidado e legitimação identitária. Assim, o dilema vivenciado por Lauro revela menos uma incompatibilidade estrutural entre religiosidade afro-brasileira e homossexualidade e mais as tensões sociais externas que atravessam o sujeito religioso negro, mesmo em contextos tradicionalmente marcados pelo acolhimento.

Nas últimas aparições de Lauro na narrativa, Joaquim o cita ao afirmar que ele continuou na faculdade de Direito, onde ingressou como cotista, mas que ambos acabaram se afastando “não de maneira consciente, mas é que cada um foi tomando um rumo na vida” (Tenório, 2024, p. 184). Esse distanciamento, apresentado de forma naturalizada, reflete não apenas os desencontros próprios da vida adulta, mas também os atravessamentos sociais e simbólicos que moldam trajetórias distintas, sobretudo em contextos marcados por desigualdades estruturais. Depois, vem a última aparição de Lauro, que, entre as páginas 188 e 189, assume um papel quase orientador ao aconselhar Joaquim a retomar o caminho da espiritualidade e da conexão com os Orixás: “Ele me olhou e disse que eu não estava bem, que eu precisava de ajuda. E disse isso de maneira afetuosa, sem nenhum julgamento...” (Tenório, 2024, p. 188). Essa cena é significativa, pois evidencia que, apesar

das violências simbólicas e dos preconceitos que atravessaram sua formação social, Lauro preserva uma postura marcada pelo cuidado, pela escuta e pela ausência de condenação moral. Assim, torna-se evidente que o personagem, mesmo tendo sido constituído em um ambiente social transbordado por preconceitos, não reproduz integralmente essas lógicas excludentes, mas ressignifica sua experiência por meio do afeto e da espiritualidade, revelando a complexidade de sua subjetividade e a possibilidade de resistência ética diante de contextos historicamente opressores.

Portanto, Jeferson Tenório cria então uma personagem que, ao ser analisado, apresenta os reflexos de uma criação machista e homofóbica dentro de um contexto sociocultural já marginalizado pelos preconceitos contra a cor da pele, mas que não se deixa corromper a fundo, desviando-se, com a ajuda da educação, dos conceitos que são desde cedo enraizados dentro desses sujeitos. Dessa forma, a literatura apresenta-se como ferramenta importante de denúncia e conscientização dessas criações, e como esses aspectos são reproduzidos na violência simbólica que acometem essas vítimas, bem como em suas demonstrações de afetos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do personagem Lauro no romance *De onde eles vêm* (2024), de Jeferson Tenório, evidencia como a literatura brasileira contemporânea tem se constituído como um espaço para a problematização das desigualdades estruturais que atravessam sujeitos negros, especialmente quando raça, gênero e sexualidade se articulam de forma simultânea. Ao construir um personagem negro e gay inserido em um contexto social marcado pelo racismo, pelo machismo e pela homofobia, Tenório expõe as múltiplas violências simbólicas e materiais que incidem sobre esses corpos, revelando as complexidades e contradições presentes nas relações comunitárias e familiares.

Ao longo do artigo, observou-se que Lauro é construído em meio a normas rígidas de masculinidade, que funcionam como mecanismos de controle e disciplinamento dos afetos e das performances de gênero e de raça. Tais normas, longe de serem apenas imposições externas, são frequentemente reproduzidas no interior da própria comunidade negra, evidenciando processos de internalização das lógicas opressivas. Nesse sentido, a trajetória do personagem confirma a pertinência do conceito de interseccionalidade para compreender como as opressões não atuam de forma isolada, mas se entrelaçam, produzindo experiências específicas de exclusão e silenciamento.

Entretanto, a narrativa de Tenório não se limita à denúncia dessas violências. A construção de Lauro também aponta para possibilidades de resistência subjetiva, especialmente por meio do afeto, da educação e da recusa em reproduzir integralmente os valores excludentes que marcaram sua formação social. Mesmo atravessado por

experiências de rejeição e sofrimento, o personagem preserva gestos de cuidado, escuta e acolhimento, o que evidencia a complexidade de sua subjetividade e rompe com representações estereotipadas do homem negro na literatura.

Dessa forma, *De onde eles vêm* (2024) reafirma o papel da literatura como ferramenta crítica e humanizadora, capaz de dar visibilidade a experiências historicamente marginalizadas e de promover reflexões sobre as estruturas de poder que sustentam o racismo, o machismo e a homofobia na sociedade brasileira. Ao analisar o personagem Lauro, este estudo contribui para o debate sobre masculinidades negras dissidentes e destaca a importância de leituras interseccionais na compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas, evidenciando que a literatura, ao narrar vidas atravessadas por opressões, também pode abrir caminhos para a escuta, o reconhecimento e a transformação social.

REFERÊNCIAS

BIAR, L. de A. *et al.* Raça, gênero e sexualidade: interseccionalidades e práticas discursivas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 1-25, 2021.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de AGUIAR, R. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. Tradução de DAMINELLI, V.; YAGO, D. São Paulo: N-1 Edições, 2010.

CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171–193.

CONNELL, R. W. **Masculinidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

EVARISTO, C. Escrivência: a escrita de nós. *In*: EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. p. 29-33.

GOMES, J. de O.; MIRANDA, J. dos R. Religião, gêneros e sexualidades: tensionamentos sobre o ser homem e o ser mulher. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 27, 2025.

hooks, b. **We real cool**: black men and masculinity. New York: Routledge, 2004.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de LIBÂNIO, A. L. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JÚNIOR, J. A.; JESUS, J. G. de. Homofobia racializada: experiências de homens negros gays no Brasil. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 1-12, 2014.

JUNIOR, J. A.; SOUSA, A. L. Religião, sexualidade e dissidência: homofobia em contextos religiosos afro-brasileiros. **Revista Diversidade e Educação**, v. 11, n. 2, p. 55-70, 2023.

LORDE, A. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRANDI, R. **Segredos guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, L. P. dos *et al.* Homofobia, masculinidade e raça: narrativas de homens negros LGBTQIA+. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 8, n. 2, p. 2258-2272, 2025.

SCHULMAN, S. **Homofobia familiar**: uma experiência devastadora. New York: New Press, 2010.

SILVA, W. C. da. Racismo, homofobia e interseccionalidade no Brasil. **Revista Katálisis, Florianópolis**, v. 20, n. 1, p. 70-80, 2017.

TENÓRIO, J. **De onde eles vêm**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

TOLEDO, L. G.; FILHO, J. M. G. Homofobia familiar e os impactos na constituição subjetiva de jovens homossexuais. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 375-384, 2013.

VEIGA, L. **Dupla diáspora**: raça, sexualidade e pertencimento. Salvador: EDUFBA, 2019.

Recebido em: 18/04/2026
Aceito em: 15/07/2026